
Voar, Voar...
Amar, Amar...

Voar, voar... Amar, amar...

Voar, Voar...

Amar, Amar...



Enio Ferreira de Macêdo

1a Edição – 2017 - Fevereiro

Voar, voar... Amar, amar...

Capa: Heverton B. Macêdo
Isabelle C. Lima

Agradecimento

Ao apoio, às críticas e aos ensinamentos que a mim foram ministrados pelos eruditos amigos, proporcionando-me, nesta ficção, grande aprendizado.

São eles:

Cleides Antonio Cabral: Professor, Mestre, Escritor, Músico, Cantor e Compositor.

João Venâncio Soares: Engenheiro Agrônomo, Advogado e Poliglota.

Débora Kelly Pinto Garcia: Médica, bilíngue.

Em especial, ao meu filho

Heverton Barros de Macêdo: Professor, Mestre, Doutor em Ciências da Computação, piloto de paramotor e *paratrike* (aparelhos que ilustram esta obra - enrêdo e capa).

Obrigado de coração!

Voar, voar... Amar, amar...

Índice

Capítulo	Página
1	9
2	23
3	31
4	58
5	71
6	76
7	93
8	101
9	116
10	123
11	134
12	148
13	159
14	168
15	177
Epílogo	195

Voar, voar... Amar, amar...

Capítulo 1

Aline, sentada em sua poltrona olhava atenta através da janela do ônibus. Não desejava ver determinada pessoa. Não seria casuísmo se a visse e seria melhor que não acontecesse. Esperava ansiosa o embarque de outros passageiros para que a viagem fosse iniciada. Ao seu lado uma poltrona vazia. Gotículas da chuva que iniciara há instantes banhara o veículo à entrada dele à cobertura e ainda escorriam lentamente pelo vidro formando pequenos rastros disformes. Comparou-as a outras gotículas que vira antes de entrar no ônibus. Estivera no banheiro da rodoviária. Chorara. Havia tentado não mais chorar, mas as lágrimas insistiram e escorreram por sua face contornando o nariz, os lábios e, no queixo, caíram em salto livre até tocar na pia. O espelho à sua frente assistia e refletia seu sentimento. Mas isso, apesar de tão recente, fazia parte do passado com o qual tentaria não mais se importar. Queria voltar para casa, motivo da ansiedade que lhe acometia. Multidões de coisas e de pessoas se espalhavam no amplo saguão de embarque. Algumas destas pessoas carregavam objetos ou arrastavam malas de variados matizes. Poucas não levavam nada e pareciam despreocupadas; talvez taxistas e empregadas de lojas e lanchonetes*. "O que estariam todos fazendo ali? Trabalhando? Vagabundando? Esperando alguém? Viajando? Estes, aonde iriam? De onde vinham? Uma senhora e uma moça se abraçavam. Possivelmente mãe e filha se despedindo. Elas se pareciam. Jovens casais de namorados também se aconchegavam enquanto olhavam celulares. Quais deles partiriam? Quanto tempo ficariam distantes uns dos outros? Quem trairia quem? Eles, com certeza! Homens!!!!...*

Imprestáveis!!!... Droga! Por que estou pensando assim dos namorados? Dos homens?" – Refletia Aline quando se deu conta de que suas indagações e afirmações sobre os varões, tinham a ver consigo mesma.

Acabara de ter uma desilusão com o namorado de quem gostava muito e, espelhando-se nessa decepção, possivelmente estivesse projetando e prejulgando os outros casais. Para ela não havia mais namorado e sim ex. Voltava precocemente para casa, exatamente devido ao desentendimento que a colocara neste ônibus. Planejou que ficaria uma semana. A Semana do "Saco-cheio". Mas em dois dias, apenas dois, viu-se sobrando.

Um mês antes havia planejado viajar. Entusiasmou-se com a ideia quando o namorado ilustrou seus planos com passeios e visitas a lugares como museus, *shoppings*, boates e outros. Ficariam um para o outro. Ele morava sozinho em uma quitinete próxima à faculdade onde estudava. Jornalismo era o sonho realizando-se gradativamente. Restava cumprir pouco mais de ano e meio. Ela o amava e estava com saudade. Falavam-se sempre, mas faltava algo. Ela queria sentir o calor dele, tocar-lhe e ser tocada.

Ele fora buscá-la na rodoviária. Era noite e, ainda ali, seus desejos começaram a se realizar com um longo e afetuoso abraço de corpo inteiro. Beijou-o. Havia meses não o sentia. A emoção de estar com ele não a fez perceber que somente ela estava intensamente apaixonada.

Ao acordar no dia seguinte à chegada, levantou-se preguiçosamente nua e foi ao banheiro. Ele estava acordado e acompanhou-a com um olhar que, para ela, que também o observava, não revelava encantamento da noite maravilhosa

que tiveram juntos. Na hora nem se importou. Talvez os *rounds* da noite o tenham esgotado. "*Os homens, huumm!, falastrões"*. – Pensou feliz.

Ao fim da tarde daquele dia, face à ausência de qualquer passeio supostamente pré-elaborado, ela começou a imaginar que algo não se encaixava. *Seria eu?* Pensou. O namorado, por duas vezes, olhou e não quis atender aos insistentes chamados no celular.

– Por que não atende? É a mesma pessoa de há meia hora? – Perguntou Aline despertando a intuição feminina da desconfiança.

– Sim. É um chato. Acho que ele quer vir aqui. Disse-me a semana passada que necessitava de orientações práticas de como fotografar e, posteriormente, tratar as fotos em *photoshop*. E o pior, ele não tem máquina e nem computador, apenas *notebook*, que é horrível para tais tratamentos. Então, adivinha o que ele quer? Claro que não vou emprestar nada. Ademais, você estando aqui, não preciso de mais ninguém perto de mim.

Aline, envaidecida pelo que ele dissera ao final, apertou-o de leve contra si enquanto viam a televisão. As razões dele eram óbvias e ela fazia parte de uma delas. Em princípio, a não ser o aconchego, nada lhe importava.

A noite caiu e o namorado nada manifestava sobre saírem da clausura do pequeno apartamento para um cinema, uma pizzaria ou qualquer balada como prometera dias antes. Sentia-se aborrecida. Totalmente entediada resolveu que iria para a porta do prédio para, pelo menos, ver as pessoas passando na rua.

– Amor, vou lá embaixo. Cansei de ver TV. Quer vir comigo? – Aline levantou-se do sofá, espreguiçou-se e tomou a iniciativa pensando que despertaria no namorado um desejo qualquer que os tirassem daquela 'prisão domiciliar'. Uma vez fora, sugeriria um passeio a um lugar em que pudessem ficar descontraídos enquanto bebericassem uma cerveja ou um vinho. Sem exagero para não se embriagarem.

– Ãh?! Tá! Irei com você. Vá descendo enquanto vou ao banheiro. Vou trocar de roupas. Minha bermuda e esta camiseta não estão apropriadas.

Aline concordou e saiu. No *hall* chamou o elevador. Acreditou ter despertado no namorado o interesse em dar um 'rolé'; afinal, ele ia mudar de visual. Realmente estava feio. Uma camiseta cavada, ridícula...

À chegada do elevador Aline entrou descontraída. De súbito veio-lhe a percepção de que estava sem bolsa. Se saísse em passeio com o namorado necessitaria de dinheiro e documentos. A porta começara a fechar e ela agilmente a interceptou. Teria que voltar ao apartamento. Assim o fez. Ainda descontraída rodou a maçaneta que não fora trancada. Adentrou. Ouviu vozes enquanto encostava a porta atrás de si. O som vinha do banheiro. Ao levantar a mão para, de leve, sinalizar na porta do banheiro o seu retorno, ficou estarrecida ao ouvir o que o namorado dizia: *"...sim, amor... sei... surgiu um imprevisto... huumm!... Não, não! Vi as chamadas agora... hã... tive que viajar. Tô na estrada. Vou..."*

Aline, boquiaberta e chocada começou a chorar. Não quis ouvir mais nada. Sua reação foi de repulsa. Encaminhou-se para o quarto e, às pressas, refez a mala que levara. Sentiu-se usada. Em minutos arrastava a bagagem do pequeno quarto

rumo à porta de saída. Ouviu o barulho da água do chuveiro que caía. Caía sobre o namorado nu. Sentiu nojo do corpo dele. Olhou para a estante ao lado da porta por onde sairia e avistou um pequeno quadro com a foto dele. Por que não havia nenhuma fotografia deles dois juntos se tiraram tantas? Era óbvio demais e nem percebera. Pegou o quadro e atirou-o no chão. Viu-o estatelar-se. Abriu a porta e saiu.

Aline mais uma vez chamou o elevador. Chorava. O elevador, no seu imaginário, havia saído do prédio. Imaginou que tivesse ido levar alguém longe dali, num cinema, numa boate, no aeroporto. Maldito elevador que não retorna. Ela estava transtornada e pensava besteiras. Por fim as portas se abriram. Demorou um século. Ela chegou ao saguão do prédio e nem percebeu se havia pessoas por ali. Foi direto para a rua. Acharia ou chamaria um táxi. Não desejava que o traste, o namorado – não, agora ex-namorado –, a visse de novo. Parou de chorar. Esforçaria para não mais chorar por ele. Ele não valia sequer um pingo de suas lágrimas.

Finalmente um táxi e, a seguir, a rodoviária. Esperaria o quanto fosse necessário por um horário e voltaria para casa sem ter que ficar para ver, justificar ou ouvir justificativas do mau caráter que a colocara nessa situação aflitiva. Teve sorte. Foi breve. Embora estivesse infeliz e emocionalmente abalada, algumas coisas conspiraram a seu favor. Táxi, passagem e ônibus estiveram providencial e cronologicamente sincronizados para atendê-la.

Agora olhava as pessoas que passeavam, embarcavam e desembarcavam perto de si. Talvez muitas delas estivessem com ódio e frustrações, mas, na maioria, havia indicativo de carregar dentro de si harmonia, compreensão, amor, mesmo

com as lágrimas de despedidas. Ela não teve e nem fez despedida, só lágrimas. E só suas. Sem amor.

O ônibus começou a movimentar lentamente de marcha a ré. Estava saindo do box. Que alívio! Mas foi interrompido muito rápido. Um rapaz apressado, correndo, acenava com a mão. Havia respingos de chuva em sua camisa e os cabelos brilhavam. Também molharam. Na outra mão uma maleta. Sobre ela um agasalho. Ele estava certo em trazê-lo a tiracolo. Dentro do ônibus o ar condicionado estava a mil negativo. Exagero. Ela riu de si mesma. Que ótimo! Sorriu. Encontrara motivo para não chorar, de tornar a ter o bom humor de volta. O ônibus parou, a porta se abriu e o rapaz entrou. Agradeceu e desculpou-se com o motorista. Parecia ser educado.

Novamente a porta do veículo se fechou e, também, novamente, continuou por alguns metros de marcha a ré. Enquanto isso, o rapaz que entrara se segurava como podia para não se desequilibrar. A cadeira vaga mais próxima a ele estava ao lado dela.

– Por favor, posso me sentar? Só até o carro se estabilizar para eu não cair.

– Sim!

– Obrigado!

Ele agradeceu e pareceu entender que ela não queria conversar.

E não queria mesmo. Nem com ele, nem com ninguém. Ele permaneceu calado e não a olhava.

Apesar da resposta curta e seca, Aline se manteve pensativa*: Ele realmente tem educação. Também é bonito. Mas, definitivamente, assim que o carro 'estabilizar-se', conforme dissera, mudarei de lugar se ele não o fizer. Neste*

momento estou odiando todos os homens. Todos. E há diversas poltronas desocupadas mais ao fundo. Que ele vá pra longe de mim.

Ela se manteve em uma "briga interna" enquanto o ônibus deslizava no asfalto molhado provocando um chiado característico: *Droga! Será que me achou feia. Creio que estou mesmo bem horrorosa. Estive chorando. E mulher quando chora fica feia. Menos a Demi Moore no filme 'Ghost'. Foi o choro mais lindo que já vi'.* Aline abriu o arquivo de músicas de seu celular, localizou *Unchained Melody*, a música do filme que acabara de lembrar-se, e pôs os fones nos ouvidos*. Amo essa música. Amo o filme. Aquilo sim, é amor. Além da vida.*

'Meu celular... Huumm!!!... Deixei-o no silencioso ao invés de desligá-lo. Droga!!! Minha bateria... E ele não parou de vibrar. Será quando o "imbecil" cansará de ligar ou de enviar mensagens? Certamente quando o fizer não mais me lembrarei dele. Improvável, mas farei o possível. Ao meu lado um bom motivo para começar a esquecê-lo: um homem bonito e educado. Não! Nem pensar! Não sou do tipo vingativa. E neste momento odeio todos os homens. Repito: todos. Será? Não posso fraquejar. Talvez o próprio celular me ajude. Além das músicas posso ver mensagens das amigas. E se tiver mensagens dele, do imbecil, faço de conta que não existem: deleto-as.

Aline tomou coragem e abriu o programa de bate-papos com a galera. Lia e rolava a tela sem parar. Muitas mensagens. Umas seis ou sete do agora ex. Não as deletou. A curiosidade a fez mudar de atitude. Desejava desculpas, mas não o perdoaria. Abriu-as. Uma perguntava onde ela estava e dizia que ele estava desesperado procurando-a. *Ótimo, continue desesperado!* Pensou feliz. Outras informavam a mesma coisa e

que fizera ligações, mas ela não atendia. Porém uma, com mais de meia hora da primeira, dizia ter entrado em contato com a família dela e informado o desaparecimento.

Merda! Por que ele teria que ligar para os meus pais? Eles devem estar loucos agora. Pensou ela em revés à preocupação que desejou para o ex.

Imediatamente Aline mudou de tela e olhou nas ligações recebidas e não atendidas. Muitas. Do ex, oito; do pai, da mãe e do irmão, um monte, nem contou.

– Pai?! Eu.

Ao primeiro toque no telefone do 'velho' Aline pôde perceber o quanto ele estivera apavorado. Atendeu sofregamente e fazendo um 'milhão' de perguntas antes mesmo dela tentar dizer qualquer coisa.

– Pai, espere! Calma! Estou bem. Deixe que eu fale! Assim, o senhor não me ouve.

Aline, sentindo o abrandamento da preocupação de seu pai, começou a discorrer em voz baixa sobre o que teria ouvido do namorado falando reservadamente com outra suposta namorada, motivo que a levou sair em disparada. Ainda, enquanto dizia, um imprevisto:

– Papi, a minha bateria está no fim, depois volt....

Droga! Droga! Droga! Pifou!... – Pensava Aline quando...

– Por favor, use meu celular. Não precisa ligar a cobrar. Insisto.

Inacreditável! O homem que ela queria o mais longe possível estava lhe entregando o próprio celular para que ela continuasse a conversa. Moralmente estava envergonhada. Ele ouvira o que ela falara e, intimamente, ele não era bem-vindo.

Não naquele momento em que ela sentia ódio de todos os homens.

– Obrigada, mas creio não ser mais necessário. Acho que esclareci tudo e...

– Por favor, não se acanhe. Tenho certeza de que há algo mais a dizer. Ah, a propósito, estarei lá atrás. Quando terminar acene e virei buscá-lo.

– Mas...

Ele não lhe deu chance de contra-argumentar. Levantou-se, vestiu o agasalho e alojou-se em uma cadeira a pouca distância de onde ela se encontrava.

– Papi, eu de novo. Por favor, ligue-me de volta nesse número. É o celular de... um... um amigo... que está aqui no ônibus, ao meu lado. Depois explico.

Por questão de consciência Aline foi breve com o pai ao discorrer um pouco mais sobre o episódio no qual se viu envolvida. Pediu-lhe que comunicasse aos familiares e a quem mais estivesse preocupado, exceto ao ex-namorado. Ele sim, deveria ficar em apuros. Ela, porém, sabia que o pai não atenderia a este pedido. Não era homem de desvios.

Aline não acenou ao rapaz, conforme ele pedira. Levantou-se e caminhou até ele.

– Eu... Por favor, desculpe-me. Nem sei como agradecê-lo. Quando se sentou ao meu lado... sabe... eu estava...

– Não precisa se desculpar. Eu compreendo. Não quer se sentar? – Ele cordialmente arredou para a cadeira ao lado, mas pressentia que ela não aceitaria o convite.

– Eu o agradeço. Agradeço muito. Pelo celular e pela acomodação, mas... como percebeu, estou numa noite de terror. – Riu. – Quero e preciso refazer meus pensamentos. Por

favor, peço que me desculpe mais uma vez e... se não se importar... gostaria de saber seu nome.

– Dédalo. E vo...

– Sou Aline. Muito prazer! Serei eternamente grata pelo que fez, Dé... Dé...

– Dédalo! – Ajudou-a pausadamente. Riu.

– Ah, sim, Dédalo. – Sorriu ruborizada. Por sorte a luz interna do ônibus estava apagada e ele não a viu corar.

Aline entregou o celular, apertou-lhe a mão e voltou à sua poltrona. Estava entre eufórica e extasiada pelo que passara e, agora, pelo que vira e sentira. O cafajeste, seu ex, certamente jamais agiria ou se prontificaria a alguém da forma com que fora tratada por um desconhecido, agora conhecido e admirado, Dédalo. Sorriu em lembrar que o estranho tem nome igualmente estranho e horrível. *Quem colocaria um nome desse em um filho, principalmente sendo ele lindo, elegante e educado? Os pais?! Devem estar arrependidos*. Criticou com ar de alegria no rosto. Melhor ainda, sentiu que não se importava mais com o ex. O cafajeste. Apesar disso, se ressentia de algo:

Bosta! Agora estou sem celular e sem companhia. Que merda! Vou ter um ataque! Sem companhia tudo bem, mas sem celular... É a treva! Desse jeito a viagem durará uma semana! Merda!... – Exageradamente esbravejava Aline em pensamentos. Breve cochilou.

Dédalo quando pegou o telefone, desejou ardentemente que ela não voltasse à poltrona de onde saíra. Seus olhos imploravam que ela aceitasse sentar-se ao seu lado. Estava escuro e, na penumbra, ela jamais veria este chamado expresso por um dos seus sentidos, o olhar. Estava apenas

dentro de si. Pensou em insistir em palavras, mas reconsiderou. Havia escutado o que dissera ao pai e não se sentiria bem se ela se debruçasse em lágrimas e lamentos e todo assunto girasse em torno do... do que ela denominou de *imbecil*. Não, definitivamente não se daria à tarefa de ser o *ombro amigo*. Ainda com o celular na mão, adaptou o fone de ouvidos e pôs-se a inebriar com as músicas que gostava. Românticas. Soltou-se na poltrona desconfortável.

As luzes internas do ônibus se acenderam no perímetro urbano de Rio Verde, quase três horas depois que saíram de Goiânia. Rodariam mais um longo trecho até a rodoviária. Semáforos mil. Beirava a meia noite e o trânsito de veículos, obviamente, não imporia obstáculos como durante o dia ou o início da noite. Os motoristas, apesar de bons profissionais, não se detinham aos sinais vermelhos em pontos periféricos, mormente, sem fluxo veicular. Questão de segurança.

Dédalo olhava fixamente em direção à poltrona de Aline. Desejava que ela não estivesse dormindo e que voltasse o rosto em busca de revê-lo a apenas duas cadeiras atrás. Ela fez um movimento. *Uau! Nada como um pensamento positivo. Hiperpositivo*! Pensou.

– Oi.

– Oi. Chegamos. – Respondeu Dédalo feliz e com largo sorriso assim que ela virou e cumprimentou-o.

– Posso?

– Por favor, será um prazer! – Dédalo entendeu o indicar de mão de Aline e imediatamente deslocou-se de poltrona para que ela, que se levantava, sentasse ao seu lado.

– Fez boa viagem? Obrigada por ter me convidado antes, mas não queria incomodá-lo com minhas lamúrias.

– Sim, fiz. Não seria incômodo. – Mentiu. – Espero que esteja melhor.

– Estou. Sinto-me... refeita. Coloquei meus pensamentos em ordem e... depois... amanhã... começo a viver mais para mim mesma. Acho que não é egoísmo se... – Parou. Pensou.

– Se?...

– Sei lá... talvez... deixar de dar satisfação a essa ou aquela pessoa, exceto aos meus pais, claro! Vivo com eles e... acho... eles me amam. Então...

– Você pode estar certa, mas... ficar sozinha?!

– Sim, isso. Por enquanto.

– Isto quer dizer que...

– É. Nunca se sabe. Ninguém é uma ilha... Desculpe o clichê! – Esboçou um sorriso.

Para Dédalo, que se entusiasmara com ela, em princípio foi um balde de água fria. Depois, a chance. Sabia, pelo menos achava que sabia, não ser o momento de tentar um galanteio embora percebesse que o *por enquanto* que ouvira, inegavelmente era uma pequena janela entreaberta. Mas não se daria a esse tipo de oportunismo face a fragilidade emocional dela no momento. Poderia se arrepender, mas, também, poderia ser um tiro no pé se ela o imaginasse um aproveitador. Mudaria de assunto.

– Deixei meu carro hoje pela manhã no estacionamento da rodoviária. Quer que a leva em casa? Se voc...

– Não, não será necessário, obrigada. – Interrompeu-o educadamente. – Meu irmão irá me buscar. Quando liguei, de seu celular, – riu – avisei-o da provável hora de chegada. Acho até que já esteja lá. Coitado! Preocupa-se muito comigo.